



STF tranca ação de militar acusado de furtar celular

O princípio da insignificância pode ser aplicado aos crimes praticados por militares. O entendimento é do ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal. Celso de Mello suspendeu o andamento de uma Ação Penal que tramita na Justiça Militar contra o oficial Marcos Fernando Rodrigues Lopes. Ele é acusado de furtar um celular no valor de R\$ 59.

O oficial recorreu ao Supremo contra a decisão do Superior Tribunal Militar, que acolheu a denúncia oferecida pelo Ministério Público contra ele. O pedido já tinha sido rejeitado em primeira e segunda instâncias. No Supremo, Celso de Mello aplicou ao caso o princípio da insignificância. O ministro observou que à época do fato, maio de 2004, o valor do objeto furtado representava 22,69% do valor do salário mínimo vigente. Hoje, R\$ 59 representariam pouco mais de R\$ 16% do salário em vigor.

“O Direito Penal não se deve ocupar de condutas que produzam resultado cujo desvalor não represente prejuízo importante, seja ao titular do bem jurídico tutelado, seja à integridade da própria ordem social.” Celso de Mello ainda esclareceu que o princípio da insignificância exige a presença de determinadas características, perfeitamente aplicáveis ao caso, “tais como a mínima ofensividade da conduta do agente; a nenhuma periculosidade social da ação; o reduzidíssimo grau de reprovabilidade do comportamento e a inexpressividade da lesão jurídica provocada”.

“Isso significa, pois, que o sistema jurídico há de considerar a relevantíssima circunstância de que a privação da liberdade e a restrição de direitos do indivíduo somente se justificarão quando estritamente necessárias à própria proteção das pessoas, da sociedade e de outros bens jurídicos que lhes sejam essenciais, notadamente naqueles casos em que os valores penalmente tutelados se exponham a dano — efetivo ou potencial — impregnado de significativa lesividade.”, explicou Celso de Mello.

A Ação Penal em trâmite ficará suspensa até o julgamento final do pedido de Habeas Corpus do militar.

Ossos do ofício

Há aproximadamente dois anos, o mesmo ministro concedeu liminar para determinar a suspensão da condenação de oito meses de reclusão imposta a um rapaz que furtou uma fita de videogame, avaliada em R\$ 25. Celso de Mello começou fundamentando sua decisão com base em uma pergunta: “revela-se aplicável, ou não, o princípio da insignificância, quando se tratar de delito de furto que teve por objeto bem avaliado em apenas R\$ 25?”. Para, ao final, decidir que a condenação imposta ao rapaz foi ausente de justa causa.

Na ocasião, o ministro ressaltou que o STF, quando se trata de crime que envolve tráfico de entorpecentes, “tem assinalado que a pequena quantidade de substância tóxica apreendida em poder do agente não afeta nem exclui o relevo jurídico-penal do comportamento transgressor do ordenamento jurídico, por entender inaplicável, em tais casos, o princípio da insignificância”.

Leia a decisão

**MED. CAUT. EM HABEAS CORPUS 89.104-7 RIO GRANDE DO SUL****RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO**

PACIENTE(S): MARCOS FERNANDO RODRIGUES LOPES

IMPETRANTE(S): MÁRCIO XAVIER DE OLIVEIRA

COATOR(A/S)(ES): SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR

EMENTA: PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA: POSSIBILIDADE DE SUA APLICAÇÃO AOS CRIMES MILITARES. IDENTIFICAÇÃO DOS VETORES CUJA PRESENÇA LEGITIMA O RECONHECIMENTO DESSE POSTULADO DE POLÍTICA CRIMINAL. CONSEQÜENTE DESCARACTERIZAÇÃO MATERIAL DA TIPICIDADE PENAL. DELITO DE FURTO. INSTAURAÇÃO DE “PERSECUTIO CRIMINIS” CONTRA MILITAR. “RES FURTIVA” NO VALOR DE R\$ 59,00 (EQUIVALENTE A 16,85% DO SALÁRIO MÍNIMO ATUALMENTE EM VIGOR). DOUTRINA. CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA JURISPRUDÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. CUMULATIVA OCORRÊNCIA, NA ESPÉCIE, DOS REQUISITOS PERTINENTES À PLAUSIBILIDADE JURÍDICA DO PEDIDO E AO “PERICULUM IN MORA”. MEDIDA CAUTELAR CONCEDIDA.

DECISÃO: A presente impetração **insurge-se** contra decisão **emanada** do E. Superior Tribunal Militar, **proferida** em julgamento **no qual** essa Alta Corte judiciária, **após afastar** o princípio da insignificância, **recebeu** a denúncia oferecida pelo Ministério Público Militar.

O ilustre impetrante – **que postula** o reconhecimento, na espécie, **da ocorrência** de uma “*causa supralegal de exclusão da tipicidade penal*” (fls. 07) – **assim expôs** os fatos subjacentes ao ajuizamento do presente “writ” (fls. 03):

“O paciente foi denunciado pelo MPM em 18/03/2005 **e a peça acusatória foi REJEITADA** pela Juíza-Auditora da 2.ª Auditoria da 3.ª CJM, em 29/04/2005. **Em maio**, o Procurador da Justiça Militar **ajuizou** Recurso Criminal, o M.M. Juízo ‘a quo’ **manteve** sua decisão de rejeição da denúncia. **O STM**, por sua vez, **deu provimento** ao recurso ministerial **CASSANDO** a decisão **de primeira** instância **e recebe** a Denúncia oferecida contra o Paciente. Assim, tornando-se, o STM, Autoridade Coatora, em 16/08/2005, por infração em tese, que teria sido cometida em final de maio de 2004, ao disposto no art. 251, § 1.º, I, do CPM, nos autos do Processo Crime n.º 14/05-6;

A denúncia foi ofertada alegando que o acusado **dispôs** de um aparelho celular **avaliado no valor de R\$ 59,00** (cinquenta e nove reais), **consoante cópia** de denúncia e auto de avaliação (...).” (grifei)



O **exame** da presente causa **propõe**, desde logo, **uma indagação**, consistente **na aplicabilidade**, ou não, do **princípio da insignificância**, quando se tratar, como sucede na espécie, de delito de furto que teve por objeto bem avaliado **em apenas R\$ 59,00** (cinquenta e nove reais).

Essa **indagação**, formulada em função da própria “*ratio*” **subjacente** ao princípio da insignificância, **assume** indiscutível relevo de caráter jurídico, **pelo fato** de a “*res furtiva*” **equivaler**, à época do delito (maio/2004), **a 22,69%** do valor do salário mínimo **então** vigente, **correspondendo**, atualmente, **a 16,85%** do **novo** salário mínimo **em vigor** em nosso País.

Como se sabe, **o princípio da insignificância** – que deve ser analisado em conexão com os postulados da fragmentariedade e da intervenção mínima do Estado em matéria penal – **tem o sentido de excluir ou de afastar a própria tipicidade penal, examinada na perspectiva de seu caráter material** (HC 84.687/MS, Rel. Min. CELSO DE MELLO, v.g.), **consoante assinala expressivo magistério doutrinário** expendido na análise do tema em referência (LUIZ FLÁVIO GOMES, “**Delito de Bagatela: Princípios da Insignificância e da Irrelevância Penal do Fato**”, *in* Revista dos Tribunais, vol. 789/439-456; FRANCISCO DE ASSIS TOLEDO, “**Princípios Básicos de Direito Penal**”, p. 133/134, item n. 131, 5ª ed., 2002, Saraiva; CEZAR ROBERTO BITENCOURT, “**Código Penal Comentado**”, p. 6, item n. 9, 2002, Saraiva; DAMÁSIO E. DE JESUS, “**Direito Penal – Parte Geral**”, vol. 1/10, item n. 11, “*h*”, 26ª ed., 2003, Saraiva; MAURÍCIO ANTONIO RIBEIRO LOPES, “**Princípio da Insignificância no Direito Penal**”, p. 113/118, item n. 8.2, 2ª ed., 2000, RT, v.g.).

O princípio da insignificância – **que considera necessária**, na aferição **do relevo material** da tipicidade penal, **a presença** de certos **vetores**, tais como (a) **a mínima ofensividade** da conduta do agente, (b) **a nenhuma periculosidade social** da ação, (c) **o reduzidíssimo grau de reprovabilidade** do comportamento e (d) **a inexpressividade** da lesão jurídica provocada – **apoiou-se**, em seu processo de formulação teórica, **no reconhecimento** de que o **caráter subsidiário** do sistema penal **reclama e impõe**, em função dos próprios objetivos por ele visados, **a intervenção mínima** do Poder Público em matéria penal.

Isso **significa**, pois, que o sistema jurídico **há de considerar** a relevantíssima circunstância de que a **privação** da liberdade e a **restrição** de direitos do indivíduo **somente** se justificarão **quando estritamente necessárias** à própria proteção das pessoas, da sociedade e de outros bens jurídicos que lhes sejam essenciais, **notadamente** naqueles casos em que os valores penalmente tutelados se exponham a dano – efetivo **ou** potencial – **impregnado** de significativa lesividade.

Revela-se expressivo, **a propósito** do tema, o **magistério** de EDILSON MOUGENOT BONFIM e de FERNANDO CAPEZ (“**Direito Penal – Parte Geral**”, p. 121/122, item n. 2.1, 2004, Saraiva):

“Na verdade, o princípio da bagatela ou da insignificância (...) não tem previsão legal no direito brasileiro (...), sendo considerado, contudo, princípio auxiliar de determinação da tipicidade, sob a ótica da objetividade jurídica. Funda-se no brocardo civil minimis non curat praetor e na conveniência da política criminal. Se a finalidade do tipo penal é tutelar um bem jurídico quando a lesão, de tão insignificante, torna-se imperceptível, não será possível proceder a seu enquadramento típico, por absoluta falta de correspondência entre o fato narrado na lei e o comportamento iníquo



realizado. **É que**, no tipo, somente estão descritos os comportamentos **capazes de ofender** o interesse tutelado pela norma. **Por essa razão**, os danos **de nenhuma monta** devem ser considerados **atípicos**. A tipicidade penal **está a reclamar** ofensa **de certa gravidade** exercida sobre os bens jurídicos, **pois nem sempre ofensa mínima** a um bem ou interesse juridicamente protegido **é capaz** de se incluir no requerimento **reclamado** pela tipicidade penal, **o qual exige ofensa de alguma magnitude** a esse mesmo bem jurídico.” (grifei)

Na realidade, **e considerados**, de um lado, **o princípio** da intervenção penal mínima do Estado (**que tem por destinatário** o próprio legislador) e, de outro, **o postulado** da insignificância (**que se dirige** ao magistrado, **enquanto** aplicador da lei penal ao caso concreto), **na precisa lição** do eminente Professor RENÉ ARIEL DOTTI (“**Curso de Direito Penal – Parte Geral**”, p. 68, item n. 51, 2ª ed., 2004, Forense), **cumprir reconhecer** que o direito penal **não se deve ocupar** de condutas que produzam resultado cujo desvalor – **por não importar** em lesão significativa a bens jurídicos relevantes – **não represente**, por isso mesmo, prejuízo importante, **seja** ao titular do bem jurídico tutelado, **seja** à integridade da própria ordem social.

A questão **pertinente** à aplicabilidade do princípio da insignificância – **quando se evidencia** que o bem jurídico tutelado **sofreu “ínfima afetação”** (RENÉ ARIEL DOTTI, “**Curso de Direito Penal – Parte Geral**”, p. 68, item n. 51, 2ª ed., 2004, Forense) – **assim tem sido apreciada** pela jurisprudência do Supremo Tribunal Federal:

“PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA – IDENTIFICAÇÃO DOS VETORES CUJA PRESENÇA LEGITIMA O RECONHECIMENTO DESSE POSTULADO DE POLÍTICA CRIMINAL – CONSEQÜENTE DESCARACTERIZAÇÃO DA TIPICIDADE PENAL EM SEU ASPECTO MATERIAL – DELITO DE FURTO – CONDENAÇÃO IMPOSTA A JOVEM DESEMPREGADO, COM APENAS 19 ANOS DE IDADE – ‘RES FURTIVA’ NO VALOR DE R\$ 25,00 (EQUIVALENTE A 9,61% DO SALÁRIO MÍNIMO ATUALMENTE EM VIGOR) – DOUTRINA – CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA JURISPRUDÊNCIA DO STF – PEDIDO DEFERIDO.

O PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA QUALIFICA-SE COMO FATOR DE DESCARACTERIZAÇÃO MATERIAL DA TIPICIDADE PENAL.

– **O princípio da insignificância** – que deve ser analisado **em conexão** com os postulados da fragmentariedade e da intervenção mínima do Estado em matéria penal – **tem o sentido de excluir ou de afastar a própria tipicidade penal, examinada na perspectiva de seu caráter material.** Doutrina.

Tal postulado – **que considera necessária**, na aferição **do relevo material** da tipicidade penal, **a presença** de certos vetores, tais como (a) **a mínima ofensividade** da conduta do agente, (b) **a nenhuma periculosidade social** da ação, (c) **o reduzidíssimo grau de reprovabilidade** do comportamento e (d) **a inexpressividade** da lesão jurídica provocada – **apoiou-se**, em seu processo de formulação teórica, **no reconhecimento** de que o **caráter subsidiário** do sistema penal **reclama e impõe**, em função dos próprios objetivos por ele visados, **a intervenção mínima** do Poder Público.



O POSTULADO DA INSIGNIFICÂNCIA E A FUNÇÃO DO DIREITO PENAL: ‘DE MINIMIS, NON CURAT PRAETOR’.

– O sistema jurídico **há de considerar** a relevantíssima circunstância de que a **privação** da liberdade e a **restrição** de direitos do indivíduo **somente** se justificam **quando estritamente necessárias** à própria proteção das pessoas, da sociedade e de outros bens jurídicos que lhes sejam essenciais, **notadamente** naqueles casos em que os valores penalmente tutelados se exponham a dano, efetivo ou potencial, **impregnado de significativa lesividade**.

O direito penal **não se deve ocupar** de condutas que produzam resultado **cujo desvalor** – por não importar **em lesão significativa** a bens jurídicos relevantes – **não represente**, por isso mesmo, prejuízo importante, **seja** ao titular do bem jurídico tutelado, **seja** à integridade da própria ordem social.”

(RTJ 192/963-964, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

“ACIDENTE DE TRÂNSITO. LESÃO CORPORAL. INEXPRESSIVIDADE DA LESÃO. PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA. CRIME NÃO CONFIGURADO.

Se a lesão corporal (pequena equimose) decorrente de acidente de trânsito é de absoluta insignificância, como resulta dos elementos dos autos – e outra prova não seria possível fazer-se tempos depois –, há de impedir-se que se instaure ação penal (...).”

(RTJ 129/187, Rel. Min. ALDIR PASSARINHO – grifei)

“Uma vez verificada a insignificância jurídica do ato apontado como delituoso, impõe-se o trancamento da ação penal, por falta de justa causa.”

(RTJ 178/310, Rel. Min. MARCO AURÉLIO – grifei)

“HABEAS CORPUS. PENAL. MOEDA FALSA. FALSIFICAÇÃO GROSSEIRA. PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA. CONDUTA ATÍPICA. ORDEM CONCEDIDA.

.....

3. A apreensão de nota falsa com valor de cinco reais, em meio a outras notas verdadeiras, nas circunstâncias fáticas da presente impetração, não cria lesão considerável ao bem jurídico tutelado, de maneira que a conduta do paciente é atípica.

4. Habeas corpus deferido, para trancar a ação penal em que o paciente figura como réu.”

(HC 83.526/CE, Rel. Min. JOAQUIM BARBOSA – grifei)

As considerações ora expostas **levam-me a reconhecer**, por isso mesmo, **que os fundamentos** em que se apóia a **presente** impetração **parecem evidenciar**, na espécie, **possível ausência** de justa causa, **eis que as circunstâncias** em torno do evento delituoso – “*res furtiva*” **no valor** de R\$ 59,00, **equivalente**, na época do fato, a **22,69%** do salário mínimo



então vigente e correspondente, hoje, a **16,85%** do **atual** salário mínimo – **autorizariam a aplicação**, no caso, do princípio da insignificância, **sendo irrelevante**, para esse efeito, **que se cuide de delito militar**.

Vale lembrar, ainda, por oportuno, **além** dos precedentes que venho de referir na presente decisão, **também o recentíssimo** julgamento que a colenda **Primeira Turma** desta Corte **proferiu** no exame do **HC 87.478/PA**, Rel. Min. EROS GRAU (**Informativo/STF** nº 438/2006), **no qual**, por entender **aplicável**, aos delitos castrenses, o princípio da insignificância, **deferiu** ordem de “*habeas corpus*” **em favor de militar** que havia sido denunciado pela **suposta** prática do crime de peculato (**CPM**, art. 303).

Cabe ressaltar, finalmente, que essa **mesma** orientação **foi reafirmada** quando do julgamento do **RHC 89.624/RS**, Rel. Min. CÁRMEN LÚCIA, **no qual** a colenda **Primeira Turma** desta Corte, **dando provimento** a recurso ordinário, **concedeu** ordem de “*habeas corpus*” **em favor** de militar da Marinha que estava sendo processado **pela suposta prática de crime militar** (furto de uma mochila, de um par de coturnos e da quantia de R\$ 154,57).

Sendo assim, considerando as razões expostas, **e tendo em vista que concorre**, igualmente, **na espécie**, situação configuradora do “*periculum in mora*”, **defiro**, até final julgamento **da presente** ação de “*habeas corpus*”, **o pedido** de medida liminar, **em ordem a suspender a tramitação** do procedimento penal (Forma Ordinária nº 14/05-6), **em curso** perante a 2ª Auditoria da 3ª CJM **ou**, se for o caso, **paralisar a própria eficácia** da sentença penal condenatória nele **eventualmente** proferida.

Comunique-se, **com urgência**, transmitindo-se cópia da **presente** decisão **ao** E. Superior Tribunal Militar **e** ao eminente Juiz- -Auditor da 2ª Auditoria da 3ª CJM.

2. **Oficie-se**, igualmente, ao Juízo da 2ª Auditoria/3ª CJM, **solicitando-lhe** informação sobre a fase em que **presentemente** se acha o procedimento penal em questão.

Publique-se.

Brasília, 13 de outubro de 2006.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator

Date Created

24/10/2006